

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 39 No. 2 Maio - Agosto 2026

ARTIGO

A ARQUEOLOGIA DE BELO HORIZONTE: RECONECTANDO MEMÓRIAS E VISLUMBRANDO FUTUROS DE UMA CIDADE POTENCIAL

Paulo Andrade Campos*, Rogério Tobias Junior**, Pedro Augusto Menezes***, Amanda Diniz****, Larissa Magalhães*****, Lílian Panachuk*****

RESUMO

Este artigo tem como objetivo abordar os sítios arqueológicos indígenas identificados no município de Belo Horizonte (MG) entre as décadas de 1930 e 1950, com destaque para o sítio arqueológico Córrego do Cardoso. A partir da articulação entre dados documentais, paisagísticos e de cultura material, localizados em distintas instituições, buscamos recriar um vínculo referencial sobre o contexto arqueológico indígena de longa duração na cidade, atuando, dessa forma, em uma retomada da memória e dos espaços de Belo Horizonte (MG). Com isso, atuamos na construção de uma cidade potencial (Musa, 2022), ao indicar espaços e histórias sobre os povos indígenas que foram sistematicamente ignorados no discurso hegemônico da construção da capital mineira, entre o final do século XIX e o início do século XX.

Palavras-chave: Arqueologia indígena de longa duração; Belo Horizonte; Museus.

* Doutorando em antropologia com concentração em arqueologia (UFMG), e-mail: campos542@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-1262-5278>

** Doutorando em antropologia com concentração em arqueologia (UFMG), Instituto Prístino, e-mail: rogeriotobiasjunior@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4492-3670>

*** Mestrando em arqueologia com concentração em arqueologia (UFMG), e-mail: augustus-pedro@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-4110-5528>

**** Doutoranda em antropologia com concentração em arqueologia (UFMG), e-mail: amandatdiniz@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3789-6811>

***** Mestra em antropologia com concentração em arqueologia (UFMG), arqueóloga do Museu de História Natural e jardim Botânico da UFMG, e-mail: issamagalhaes9@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7362-2252>

***** Docente do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, e-mail: lipanachuk@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-7244-7630>

THE ARCHAEOLOGY OF BELO HORIZONTE: RECONNECTING MEMORIES AND ENVISIONING FUTURES OF A POTENTIAL CITY

ABSTRACT

This article aims to address the Indigenous archaeological sites identified in the municipality of Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil, between the 1930s and 1950s, with a special focus on the Córrego do Cardoso archaeological site. By integrating documentary, landscape, and material culture data from various institutions, we seek to reconstruct a referential link to the long-term Indigenous archaeological context of the city. In doing so, we contribute to the revival of Belo Horizonte's memory and spaces. This effort aligns with the construction of a "potential city" (Musa, 2022) by highlighting spaces and histories of Indigenous peoples that have been systematically ignored in the hegemonic discourse surrounding the construction of the capital of Minas Gerais between the late 19th and early 20th centuries.

Keywords: Long-term Indigenous Archaeology; Belo Horizonte; Museums.

LA ARQUEOLOGÍA DE BELO HORIZONTE: RECONECTANDO MEMORIAS Y VISLUMBRANDO FUTUROS DE UNA CIUDAD POTENCIAL

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo abordar los sitios arqueológicos indígenas identificados en el municipio de Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil) entre las décadas de 1930 y 1950, con un enfoque especial en el sitio arqueológico Córrego do Cardoso. A partir de la articulación de datos documentales, paisajísticos y de cultura material de distintas instituciones, se busca reconstruir un vínculo referencial sobre el contexto arqueológico indígena de larga duración en la ciudad, lo cual contribuye a la recuperación de la memoria y los espacios de Belo Horizonte. Con ello, trabaja en la construcción de una "ciudad potencial" (Musa, 2022) al señalar espacios e historias de los pueblos indígenas que han sido sistemáticamente ignorados en el discurso hegemónico sobre la construcción de la capital de Minas Gerais a finales del siglo XIX y principios del siglo XX.

Palabras clave: Arqueología indígena de larga duración; Belo Horizonte; Museos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado do esforço coletivo de pesquisadores e pesquisadoras que compartilham inquietações em comum sobre parte das narrativas hegemônicas, escolhidas e repetidas ao longo dos últimos 127 anos, referente ao território atualmente conhecido como Belo Horizonte (MG). A cidade de Belo Horizonte (MG) surge por decreto (Minas Gerais, 1890), entre o final do século XIX e início do século XX, para ser a nova capital do estado de Minas Gerais, sendo planejada por uma comissão construtora responsável por materializar os ideários da modernidade, do desenvolvimento e do progresso (Musa, 2022).

O local escolhido para a nova capital assentava-se sobre as bacias dos ribeirões do Arrudas e do Onça, ambos afluentes da margem esquerda do Rio das Velhas, no arraial conhecido até então como Curral Del Rey, com registro documental da invasão europeia desde o ano de 1711. Quando a comissão construtora realizou os primeiros informes sobre a localidade, foi indicada a presença de pelo menos 31 fazendas destinadas à cultura e à criação de animais, além dos povoados de Pinto, Calafate, Piteiras e Bento Rodrigues, bem como caminhos que viriam a ser municípios da região metropolitana, como Sabará, Nova Lima, Contagem e Santa Luzia (Borsagli, 2019).

A pesquisadora Priscila Musa (2022) afirma que a criação da nova capital se deu a partir de uma lógica predatória na qual ocorreram múltiplas escalas de expropriação, alienação e perdas, sejam das agências dos próprios corpos, das moradias, dos espaços coletivos ou da memória das existências humanas e não humanas que havia no antigo arraial. Logo, Belo Horizonte (MG), a cidade construída para transformar a história de Minas Gerais, apropriou-se de instituições e tecnologias para criar realidades, valores e conceitos a partir do uso de fotografias, registros documentais, arquivos e decretos que resultaram no apagamento das vivências existentes no Curral Del Rey e daquelas anteriores à sua ocupação:

Acompanhou a sua construção a tentativa de constituir um imaginário hegemônico e consensual de cidade dado a partir de suas visibilidades materializadas não apenas em seu espaço urbano, em largas avenidas, em imponentes edifícios, mas também em fotografias e filmes. Imagens e imaginários que serviram para projetar um futuro àquele tempo, hoje servem para inventar o passado e sedimentar o presente apaziguado em uma perspectiva que insiste em oprimir, dominar, demolir e construir avenidas cada vez mais largas, edifícios cada vez mais autoritários e os modos de vida, de conhecimento e imagens que correspondem a essa realidade (Musa, 2022, p. 51).

A historiadora Josemeire Alves Pereira (2019), em sua tese “Para além do horizonte planejado: racismo e produção do espaço urbano em Belo Horizonte (séculos XIX e XX)”, realiza, a partir de um levantamento documental, o resgate das vivências e existências das pessoas negras que ocuparam, de maneira numerosa e longa, o território do Curral Del Rey. Essa mesma população, responsável pelo fazer da cidade a partir de sua atuação e trabalho nas obras públicas, na manutenção da cidade, nas atividades domésticas, nas festividades e lazer, entre outras ações, foi e segue sendo alvo de um silenciamento e invisibilidade, vinculados à segregação e à eliminação simbólica de sua existência.

Populações de origem africana e indígena, em sua maioria periféricas, foram marginalizadas a partir de políticas estatais. Disso resulta, por exemplo, a naturalização

da ausência dessas pessoas nos espaços museais ou demais espaços de salvaguarda da memória (Musa, 2022; Pereira, 2019).

Retomando a tese de Priscila Musa, a pesquisadora pontua que “o contrário do visível não é o invisível, o contrário do visível é a falta de imaginação histórica (Musa, 2022, p. 103)”. Vandana Shiva (2003) indica algo semelhante ao conceituar as “monoculturas intelectuais” como consequência do modelo opressor colonial de construção de conhecimento, a partir de uma lógica de controle social que não estimula a construção coletiva de pensamentos criativos, mas reproduz modelos de memorização e reprodução do conhecimento que, em suas últimas consequências, legitimam as desigualdades.

Nesse sentido, uma das consequências práticas do apagamento sistemático ocorrido em Belo Horizonte (MG) pode ser observada no campo da arqueologia referente às permissões de pesquisa arqueológica na capital mineira. Por exemplo, entre os anos de 2014 e 2025, foram emitidas 11 portarias de pesquisa arqueológica, envolvendo tanto atividades acadêmicas quanto empreendimentos terceirizados (Quadro 1). Para o mesmo período, no município de São Paulo (SP), foram emitidas 136 portarias, enquanto no município de Salvador (BA), de população proporcionalmente semelhante, foram autorizadas 51 pesquisas arqueológicas.

No nosso entendimento, a discrepância no número de pesquisas na capital mineira e nas outras duas capitais citadas surge, entre outros fatores, da naturalização de um passado recente da cidade de Belo Horizonte (MG), aliada ao senso comum de que a construção da capital resultou em uma obliteração total do Curral Del Rey e de sua materialidade¹. Dessa maneira, ignoram-se o passado colonial e imperial deste território e as ocupações indígenas anteriores que aqui ocorreram, como se essas vivências estivessem fora do nosso alcance, mesmo com a presença de sítios arqueológicos indígenas e do período colonial nas áreas limítrofes do município, ignorando assim, os trânsitos, deslocamentos e compartilhamentos que ocorreram antes das atuais delimitações municipais.

Quadro 1. Tabela de portarias emitidas para o município de Belo Horizonte (MG) entre os anos de 2014 e 2025.

Ano	Classificação	Processo SEI	Título da pesquisa	Tipo de empreendimento
2014	N.A	01514.006652/2013-53	Diagnóstico e Prospecção Arqueológica do Empreendimento Mina Bota	Mineração
2015	N.A	01514.002573/2014-54	Prospecção Arqueológica do Loteamento BH Morar/ Capitão Eduardo	Empreendimento Imobiliário

continua...

¹ Com exceção da Fazenda do Leitão, atualmente Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), única construção reconhecida como remanescente do antigo arraial.

Quadro 1. Continuação

Ano	Classificação	Processo SEI	Título da pesquisa	Tipo de empreendimento
2015	N.A	01514.001822/2015-75	Programa de Diagnóstico e Prospecção Arqueológica do Empreendimento Habitacional Parque Cerrado	Empreendimento Imobiliário
2015	N.A	01514.003296/2011-54	Resgate, Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial na área de implantação da capacidade e modernização da BR-381	Rodovia
2016	Nível III	01514.005014/2015-87	Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico do empreendimento Mina Taquaril	Mineração
2017	Nível III	01514.003572/2016-99	Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico –Projeto MGB- Mineração Geral do Brasil	Mineração
2017	N.A	01514.003296/2011-54	Resgate, Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial na Área de Implantação da Capacidade e Modernização da BR-381	Rodovia
2020	N.A	01514.000479/2020-17	Pesquisa Arqueológica para Subsidiar a Musealização do Antigo Dops-MG: Leituras da Repressão e da Resistência	N.A.

continua...

Quadro 1. Continuação

Ano	Classificação	Processo SEI	Título da pesquisa	Tipo de empreendimento
2021	Nível III	01514.000758/2020-72	Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico na Área Diretamente Afetada da Mina Boa Vista	Mineração
2022	N.A	01514.001728/2022-45	Pesquisa Arqueológica no Empreendimento Condomínio do Edifício Bahia	Empreendimento Imobiliário
2023	Nível III	01514.001161/2023-98	Avaliação de Impacto ao Patrimônio Arqueológico do Rodoanel de Belo Horizonte	Rodovia
2024	N.A	01514.000116/2024-05	Projeto Arqueológico do Largo do Rosário, Belo Horizonte/ MG (Primeira Etapa), Identificação e Mapeamento Geofísico (Não-Interventivo) do Cemitério e da Capela do Rosário dos Homens Pretos do Curral Del Rey	Infraestrutura Urbana
2024	Nível III	01450.002501/2023-90	Acompanhamento Arqueológico nas obras do empreendimento Metrô BH	Metrô

Fonte: Tabela de portarias lphan².

Também vale a pena destacar que a ideia de uma história recente, de uma cidade nova, reafirma o senso comum de que Belo Horizonte (MG) só tem uma história a ser contada. Essa narrativa se inicia com o mito fundador da capital, de sua Comissão Construtora, e acaba por sugerir que os duzentos anos anteriores de ocupação colonial e os milhares de anos de vida indígena seriam apenas um prólogo para a real história do local onde está estabelecida a capital mineira.

² Disponível em: docs.google.com/spreadsheets/d/1R5svYhxvBHNOW35NEy23oE8VXX1eW-q5v/edit?gid=246705190#gid=246705190. Acesso em: 23 abr. 2026.

Cientes da problemática surgida a partir da narrativa do apagamento e apoiados/as/es nas pesquisas recentes de áreas tais como a historiografia (Martins, 2021; Pereira, 2019; Silva, 2021) e a arquitetura (Mayer, 2020; Musa, 2022; Silva, 2018), que questionam os discursos hegemônicos, entendemos ser oportuno a adição do saber arqueológico nos esforços para repensar o território belo-horizontino em diferentes temporalidades. Os primeiros passos dessa caminhada ocorreram no âmbito do curso de pós-graduação em antropologia/arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no ano de 2024, quando alguns alunos/as/es que desenvolviam pesquisas na região metropolitana de Belo Horizonte (/MG) resolveram criar a “Sociedade Belorizontina de Arqueologia”.

Essa sociedade ficcional, surgida de forma lúdica, tem como objetivos: coletar e sistematizar as informações arqueológicas existentes em Belo Horizonte (MG); pensar abordagens de pesquisa sobre o Curral Del Rey³, envolvendo principalmente análises da paisagem sobre os antigos caminhos existentes no arraial e sobrepostos pelo traçado da nova capital; bem como desenvolver pesquisas sobre o contexto indígena de longa duração na região. Sobre este último ponto, sabíamos da presença de dois sítios arqueológicos identificados na década de 1940 e registrados no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA), no ano de 1997, sendo eles: Horto Florestal e Córrego do Cardoso.

As fichas de cadastro arqueológico trouxeram poucas informações relevantes para a compreensão do contexto arqueológico, não sendo apresentados dados como a localização dos sítios ou descrição dos materiais. No entanto, na parte destinada às referências bibliográficas, é citado um artigo do professor Aníbal Mattos (1947) de grande importância, como veremos posteriormente.

Se inicialmente, nossos/as/es colegas se divertiam com nossos planos ambiciosos, esse desejo de fundamentar a importância da arqueologia como uma maneira de se apreender sobre a história e a memória da cidade em diferentes temporalidades foi ganhando adeptos/as/es. Com isso, formou-se, em um curto período, uma rede de informações e um volume de dados que envolveram diferentes atores, tais como o Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (MHNJB/UFMG), professores/as, museólogos/as/ues e arqueólogos/as/ues⁴.

Foi a partir desta rede⁵ que recebemos a informação sobre vestígios arqueológicos expostos⁶ no MHAB, entre eles lâminas de machado indígenas polidas que teriam sido coletadas em Belo Horizonte (MG) na década de 1940. Em seguida, entramos em contato com a museóloga responsável pelo MHAB, Ana Paula Portugal, solicitando informações sobre o material arqueológico e possibilidades de pesquisa a partir do acervo presente no museu.

Ciente dos nossos interesses no campo da arqueologia, nos foi apresentada a coleção de Raul Tassini (1909-1992), composta por documentos manuscritos, datilografados, cartas

³ O Curral Del Rey era o antigo arraial onde a nova capital, Belo Horizonte, foi edificada.

⁴ Entre as pessoas contribuintes, temos: Rogério Tobias Junior (doutorando em Arqueologia/UFMG); Lílian Panachuk (Pprofessora da UFMG); Ana Paula Portugal (museóloga/MHAB); Christian (bibliotecário/MHAB); Larissa Magalhães (arqueóloga/MHNJB-UFMG); André Leandro Silva (museólogo/MHNJB-UFMG); Amanda Diniz (arqueóloga) e Roberta (atriz e parente de Raul Tassini).

⁵ Informação fornecida por Rogério Tobias Junior (comunicação pessoal) em [Julho/2024].

⁶ O museu possui autorização como instituição para guarda do material arqueológico.

e fotografias sobre assuntos que orbitam os temas da história de Belo Horizonte (MG), arqueologia da região, antropologia, paleontologia, entre outros. A partir da leitura de parte da documentação inventariada, foi possível coletar informações importantes sobre o sítio arqueológico Córrego do Cardoso, identificando dados sobre sua espacialidade e materialidade que até o momento não estavam especificados em nenhuma publicação.

As caixas de documentos presentes no MHAB nos levaram a outras caixas, desta vez de materiais arqueológicos doados ao MHNJB/UFMG após a morte de Raul Tassini, e provenientes, em parte, de suas coletas assistemáticas na região do córrego do Cardoso entre as décadas de 1930 e 1950. A tríade se fecha com a obtenção de informações sobre a localização espacial de onde o material arqueológico foi coletado.

Sem nos delongarmos mais nesta introdução, este artigo tem como objetivo trazer à tona os sítios arqueológicos indígenas em Belo Horizonte (MG), com destaque para o Córrego do Cardoso, a partir de uma retomada da memória que envolve a articulação de diferentes instituições e documentos, recriando um vínculo referencial que havia se perdido ao longo das últimas cinco décadas. A partir das fontes documentais e do material arqueológico, é possível atualizar as informações sobre o sítio potencializando as narrativas sobre a ocupação indígena de longa duração na capital mineira. Nesse sentido, não realizaremos nesta publicação uma análise mais detalhada do material arqueológico identificado no MHNJB/UFMG; nosso foco será apresentar os dados iniciais da pesquisa que envolvem memória e paisagem, ambas construídas a partir da retomada de documentos, vestígios arqueológicos e espacialidades na cidade.

Sendo assim, inicialmente iremos apresentar um resumo das pesquisas arqueológicas realizadas em Belo Horizonte (MG). Em sequência serão apresentados a metodologia e os resultados dos dados encontrados no MHAB e no MHNJB/UFMG. Articulando memórias, espaços e narrativas, fecharemos este trabalho com a indicação de potencialidades que envolvam a pesquisa arqueológica na capital mineira a partir da apresentação de um primeiro mapa de sensibilidade arqueológica da cidade, englobando os sítios identificados. Por fim, esperamos que o debate sobre memória, museus, arqueologia e redes de informação auxilie outras experiências futuras, além de estimular a pesquisa arqueológica no município de Belo Horizonte (MG).

ARQUEOLOGIA EM BELO HORIZONTE

Neste tópico, iremos apresentar de forma breve as pesquisas arqueológicas realizadas no município de Belo Horizonte (MG), identificadas inicialmente em dois momentos distintos. O primeiro período ocorreu entre as décadas de 1930 e 1950, com a coleta de material arqueológico indígena em dois pontos da cidade; o segundo período teve início a partir dos anos 2010, com enfoques arqueológicos que envolvem abordagens etnoarqueológicas e as arqueologias do presente.

Entre os anos de 1930 e 1950, diversas empreitadas arqueológicas foram realizadas nos municípios de Lagoa Santa, Confins, Pedro Leopoldo e região, sendo identificados diversos sítios arqueológicos em cavidades cársticas. Os responsáveis pelas escavações eram membros da Academia de Ciências de Minas Gerais, sendo eles: Harold V. Walter, cônsul do Reino Unido na capital mineira; Arnaldo Cathoud, médico; e Aníbal Mattos, artista e professor (Prous, 2013).

Foi através de duas publicações de Aníbal Mattos (1940, 1947) que tivemos acesso a um registro descritivo e fotográfico ímpar de bens arqueológicos, coletados no Horto Florestal e nas margens do Córrego do Cardoso. O sítio arqueológico do Horto Florestal foi identificado no que era, na época, a Estação Experimental de Agricultura, um centro de pesquisas e experimentos agrícolas do Estado de Minas Gerais. A área, que funcionou

como Fazenda Boa Vista até o final do século XIX, foi expropriada pela Comissão Construtora de Belo Horizonte e transformada em um horto florestal no início do século XX. De Horto Florestal, a área passou a ser Estação Experimental de Agricultura e, em 1953, Instituto Agrônomo. Posteriormente, no final da década de 60, parte da área foi cedida à UFMG, onde se instalou o Museu de História Natural⁷.

A convite do Dr. Soares Gouvêa, diretor da Estação Experimental à época, Aníbal Mattos e sua equipe foram ao local no ano de 1938 e descreveram a presença de manchas pretas no solo, com fragmentos cerâmicos de igaçabas, além de outras peças cerâmicas e líticas. Mattos indica duas “jazidas arqueológicas” no Horto Florestal; uma delas encontrava-se próxima ao curso d’água Córrego do Horto e da residência do Dr. Soares Gouvêa; a localização da outra não foi indicada. Parte do material arqueológico teria sido doado para o professor Roquete Pinto, do Museu Nacional. Aníbal Mattos ainda descreve outra área de coleta de material arqueológico na região, dessa vez mais próxima do córrego do Onça, onde foram retirados por sua equipe fragmentos de igaçaba, “contas de colares” de barro e lâminas de machado polido (Mattos, 1947).

O sítio arqueológico do Horto Florestal teve uma ficha de cadastro preenchida e cadastrada no CNSA 50 anos depois da publicação do trabalho de Aníbal Mattos, no ano de 1997. Vinte anos depois, em 2017, o jornal *Estado de Minas* realizava uma matéria sobre o sítio arqueológico do Horto Florestal (Vestígios [...], 2017), indicando, entre outras coisas, que não se sabia onde estaria o material coletado na área do atual Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG.

No ano de 2019, Eloah Crystal Carvalho Costa apresentou um trabalho de conclusão de curso (TCC) em Ciências Sociais, orientada pela professora Mariana Cabral, com o objetivo de identificar e analisar o material arqueológico coletado por Aníbal Mattos e sua equipe na área do museu. Após uma pesquisa na reserva técnica do MHNJB/UFMG, Eloah Costa (2019) identificou 158 fragmentos de cerâmica registrados como provenientes do “Horto/Horto Florestal”. Do total de fragmentos, 19 eram de bordas de vasilhames e o restante do “corpo”; também foram realizadas análises tecno-decorativas indicando presença, por exemplo, de engobo vermelho em alguns fragmentos, técnica de confecção das peças a partir de rolete, e uso de caco moído na pasta (Costa, 2019). Um pequeno recipiente inteiro também foi descrito em um artigo, tratando sobre arqueologia e infância, e faz parte desta coleção (Prous; Panachuk; Jácome, 2019).

O sítio arqueológico Córrego do Cardoso, também é descrito por Aníbal Mattos (1940, 1947). A existência do sítio do Cardoso foi comunicada pela primeira vez por Raul Tassini em junho de 1938, que seguiu, nas décadas seguintes, coletando vestígios arqueológicos na região, majoritariamente lâminas de machado de pedra polida.

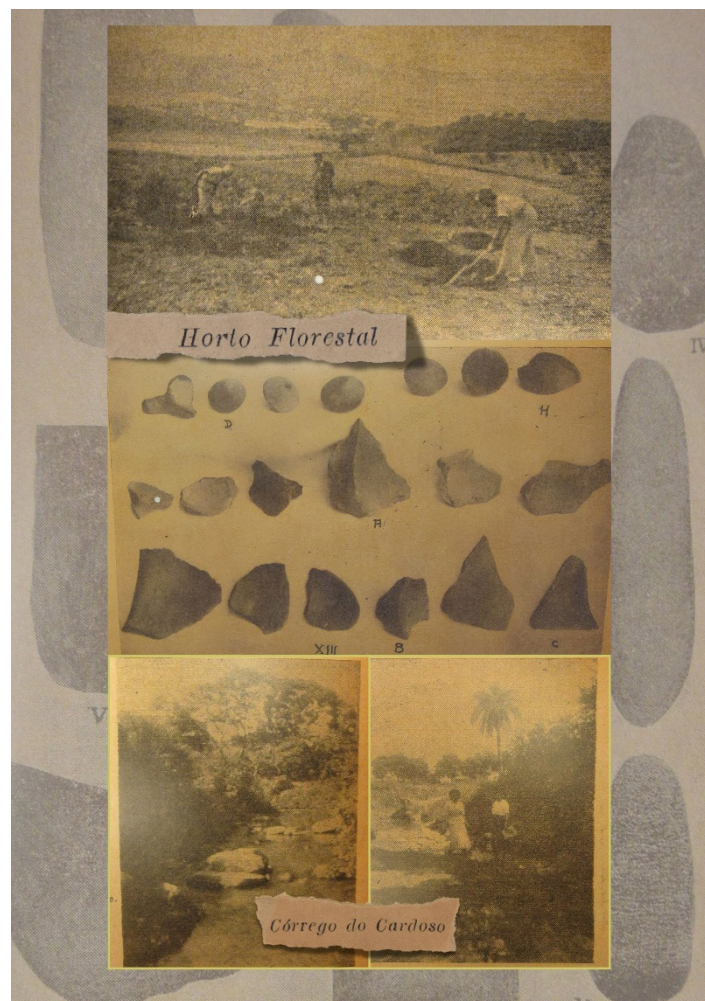
Mattos (1940) apresenta fotos do córrego do Cardoso e do material lítico identificado na região (Figura 1), finalizando seu texto com a indicação de cinco pontos diferentes da cidade de Belo Horizonte (MG) com presença de material arqueológico, sendo eles: Carlos Prates, Cercadinho, Barroca, Cardoso e Horto Florestal. Sobre o possível material identificado nas regiões do Cercadinho e Barroca, não possuímos mais informações. No que se refere ao material coletado no bairro Carlos Prates, está em exposição no MHAB um conjunto de quatro artefatos líticos polidos identificados como provenientes

⁷ Disponível em: <https://www.ufmg.br/mhnjb/museu50anos/historia-do-museu/>. Acesso em: 4 abr. 2025.

da “Chácara São José, bairro Carlos Prates, em 1994” e doados por Arthur Furtado, sem informações adicionais disponíveis.

Retomando as informações sobre o sítio arqueológico do córrego do Cardoso, esse também foi cadastrado no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA) no ano de 1997. Sua ficha de cadastro não continha informações espaciais da localidade do sítio ou informações sobre os vestígios arqueológicos coletados. A partir das imagens fotográficas realizadas por Aníbal Matos (1940), não foi possível precisar a localização do sítio, visto que as obras de canalização e ocupação urbana que ocorreram nos últimos 70 anos descaracterizaram a paisagem do período de identificação do sítio. Nesse sentido, nenhuma informação nova foi identificada sobre o sítio Córrego do Cardoso nas últimas sete décadas, após a publicação de Mattos no ano de 1947.

Figura 1. Registro fotográfico da área da Jazida do Horto Florestal e, abaixo, foto do material coletado no local; foto do córrego do Cardoso. Os registros foram realizados no ano de 1938.



Fonte: Aníbal Mattos (1947).

Entre as décadas de 1970 até o primeiro decênio do século XXI, com a criação do Setor de Arqueologia do MHNJB/UFMG, no ano de 1975, e posteriormente à criação do curso de Antropologia com habilitação em Arqueologia, no ano de 2010, houve centenas de pesquisas arqueológicas voltadas aos contextos pré-coloniais nas regiões de Diamantina, Jequitaiá, Vale do Rio Peruaçu, Santana do Riacho, Montalvânia,

Buritizeiro, entre outras (Prous, 2013). O retorno do olhar para Belo Horizonte (MG) como uma área de pesquisa arqueológica ocorre desde 2010, com trabalhos pautados nas abordagens propostas pelas arqueologias do presente – estudo sobre o lixão de Belo Horizonte, a Delegacia de Ordem Política e Social de Belo Horizonte (DOPS-BH), o Lar dos Meninos, Espaço Comum Luiz Estrela e o Cemitério do Bonfim –, etnoarqueologias – trabalhos sobre a torcida do Cruzeiro Esporte Clube e sobre o Forró – e, pontualmente, ações para a compreensão do Cural Del Rey – Largo do Rosário e muros de pedra na Serra do Cural.

Vanúzia Amaral (2024) realizou, entre os anos de 2018 e 2019, escavações no aterro sanitário de Belo Horizonte (MG), exumando aproximadamente 1,9 mil objetos, entre eles um conjunto de oito moedas, cunhadas entre os anos de 1969 e 1978. A pesquisadora realiza uma análise das iconografias presentes nas moedas, tal como torres de petróleo e a grafia “alimentos para o mundo”. Amaral faz uma relação da produção de moedas com os valores que a ditadura militar queria transmitir, tais como o progresso, a indústria e a noção do Brasil como celeiro do mundo. A pesquisadora finaliza sua análise com reflexões sobre o cotidiano e a potencialidade da materialidade para se compreender aspectos da sociabilidade.

No ano de 2021, foram realizadas intervenções arqueológicas nas instalações de um antigo centro de detenção da ditadura militar brasileira, a DOPS, com o objetivo de estudar suas materialidades e experiências cotidianas relacionadas (Lemos; Costa; Zarankin, 2022). As atividades envolveram uma análise arquitetônica do prédio, bem como das mudanças ocorridas ao longo das últimas décadas, sondagens em áreas previamente escolhidas, registro fotográfico de marcas no interior das celas e verificação das camadas de tinta nas paredes das celas.

Entre as considerações do trabalho, coordenado por Caroline Murta Lemos, está a materialidade do prédio do antigo DOPS como parte ativa do espaço de repressão. A pesquisa englobou esforços multidisciplinares que buscam subsidiar a criação do Memorial dos Direitos Humanos no local (Lemos; Costa; Zarankin, 2022).

No ano de 2013, um coletivo de artistas, ativistas, educadores, profissionais autônomos e produtores culturais ocupou um antigo casarão localizado no bairro Santa Efigênia. Pautadas no discurso do direito democrático à cidade, essas pessoas buscavam transformar o espaço em um centro de arte, cultura e educação autogestado e aberto à população, obtendo a concessão do local no ano de 2016 (Moreira, 2016). O casarão Luiz Estrela é um dos três sítios arqueológicos registrados no município de Belo Horizonte (MG).

Esse espaço teve vários usos ao longo do século XX, tais como hospital militar e instituição psiquiátrica, e foi objeto de pesquisas arqueológicas apresentadas na dissertação de Juliana Moreira (2016). A pesquisadora buscou entender como a espacialidade, a materialidade e a arquitetura compreendem estratégias de disciplinamento, controle e cura sobre as crianças que ali foram internadas na segunda metade do século XX. Entre suas conclusões, Moreira (2016) apresenta áreas panópticas e mostra como a distribuição de salas e os espaços dificultam a circulação de pessoas e facilitam a vigilância sobre elas.

Na região da Pampulha, na atual Estação Ecológica da UFMG, operou, entre os anos de 1944 e 1976, o Lar dos Meninos, espaço administrado pela ordem religiosa italiana dos Orionitas, que tinha como objetivo disciplinar e educar crianças carentes a partir dos valores do trabalho e da religião. No local, a professora Lílian Panachuk, junto com sua equipe, realiza um projeto de pesquisa, ensino e extensão acadêmica que envolve a análise da materialidade remanescente – um forno de olaria com dimensões 35 m x 6 m (extensão e largura), vestígios do refeitório, do seminário, da escola Arduíno Bolívar e

do antigo ambulatório –, bem como fotos, documentos administrativos e registro da memória oral de antigos residentes.

Deste projeto resultou o trabalho de conclusão de curso em Arqueologia de Luana Nascimento (2025). Amparada no conceito de “Dispositivo de Racialidade”, proposto por Sueli Carneiro, Luana Nascimento desenvolveu uma análise a partir dos registros fotográficos e institucionais do Lar dos Meninos, considerando a categoria da “caridade” como um dispositivo de construção da diferença e das dinâmicas de poder imbricadas na subjetivação dos sujeitos. Com isso, a pesquisadora identificou as relações de poder e a produção de corpos racializados a partir de uma construção narrativa das imagens produzidas.

Outro espaço alvo de pesquisa arqueológica é o Cemitério do Bonfim. Inaugurado junto com a nova capital, no ano de 1897, o cemitério reproduzia a organização espacial dos ideais positivistas e republicanos, sendo até o ano de 1942 o único espaço para sepultamentos na cidade. A pesquisadora Luísa Roedel (2017) buscou, através da abordagem arqueológica, compreender os discursos não verbais presentes na arquitetura e na espacialidade do cemitério.

A partir de um túmulo identificado como de “Herculine Barbin”, famoso caso de intersexualidade descrito por Foucault (1980), Roedel (2017) discute como discursos hegemônicos de gênero se materializavam na “cidade dos mortos”. O cemitério, a partir da sua divisão espacial e da organização de jazigos, refletia posições sociais e econômicas dos vivos, perpetuando segregações e hierarquias, gerando um apagamento de certas existências contra-hegemônicas.

Sobre o contexto arqueológico do período do Curral Del Rey, destaca-se a atuação pontual e consistente do Museu de Quilombos e Favelas (Muquifu), coordenado pelo Padre Mauro, na busca por documentações e materialidades referentes à antiga capela de Nossa Senhora do Rosário. Ocupada e mantida pela população negra do arraial, a capela do Rosário, com seu cemitério e estruturas adjacentes, existiu entre os anos de 1819 e 1897, quando foi demolida pela Comissão Construtora da Cidade (Silva, 2021).

Parte do projeto de pesquisa do Muquifu consiste na localização das antigas estruturas da capela do Rosário. Para tal, foi realizado um levantamento de registros fotográficos do final do século XIX e análises das cadernetas de campo da Comissão Construtora da Capital, produzidas entre os anos de 1894 e 1898. Os dados tiveram como resultado a delimitação de uma área de aproximadamente 1.200 m², localizada entre as atuais ruas da Bahia e Timbiras, no centro de Belo Horizonte (Muquifu, 2024).

Parte do local delimitado a partir da documentação histórica coincidiu com a instalação de um estacionamento; desse modo, a equipe de arqueologia do projeto, ponderando sobre as complicações de sondagens e alterações sofridas pela urbanização, buscou realizar uma análise geofísica não interventiva, a partir da aplicação de georadar na área do estacionamento e nas ruas adjacentes (Muquifu, 2024). A aplicação do georadar resultou em anomalias entendidas pela equipe de arqueologia como áreas potenciais para sondagens futuras. O projeto continua em andamento.

A partir da atuação do Muquifu, foi solicitado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e realizado posteriormente um acompanhamento arqueológico da construção das fundações de um edifício no quarteirão entendido como território da capela do Rosário, buscando, assim, salvaguardar possíveis vestígios arqueológicos⁸.

⁸ Processo SEI-IPHAN nº 01514.001728/2022-45.

O acompanhamento resultou na coleta de materiais provenientes da primeira metade do século XX, tal como vidros e cerâmica (Peruaçu Arqueologia, 2023).

Por fim, duas pesquisas de conclusão de curso em Arqueologia que envolvem práticas e metodologias de análise da cultura material em grupos contemporâneos na cidade de Belo Horizonte. O primeiro trabalho é de Larissa Ferreira (2022), que realizou, a partir de um olhar arqueológico e de experiências pessoais, uma pesquisa sobre o forró em “Beagá”. Tendo como apoio o espaço “Catedral Centro Cultural Escola de Dança”, Larissa analisou a materialidade, as coisas, os instrumentos, as vestes e os corpos que compõem a paisagem “forrozística” na capital.

Aline Teixeira (2024) também mescla sua vivência pessoal, como uma torcedora do time de futebol Cruzeiro Esporte Clube, com uma análise arqueológica que busca compreender como a materialidade é utilizada para transformar o sentimento “azul e branco” em memórias, afetos, fé e amor. A relação entre materialidade e memória é observada a partir do vestuário, tal como as calças, os bonés e as blusas, muitas vezes relacionadas a grupos organizados específicos. Outro ponto analisado foi a espacialidade do Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão), onde acontece parte dos jogos do time, sendo selecionadas localidades a partir do preço, da disposição das torcidas organizadas ou mesmo do modo de sentir e ser afetado pelo espetáculo, a partir de setores com presença de cadeiras ou de setores para serem vivenciados em pé, entoando cânticos (Teixeira, 2024).

O pesquisador Andrei Isnardis (2000) desenvolveu uma pesquisa sobre os grupos de pixo e o fenômeno da pixação na cidade de Belo Horizonte (MG), observando como as grafias construía a paisagem urbana e demonstravam relações e estilos acionados pelos grupos de pichadores. Flora Carvalho (2022) inicia sua análise a partir dos pixos realizados nas paredes dos banheiros da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, com um olhar arqueológico para as pinturas, a pesquisadora desenvolve uma análise das relações de gênero e poder construídas e relacionadas a partir das pixações.

Esse levantamento indica como as pesquisas arqueológicas realizadas em Belo Horizonte (MG) nos dois últimos decênios apresentam temáticas diversas e complexas, envolvendo espaços distintos da cidade em temporalidades que abarcam do período do Curral Del Rey até a contemporaneidade. Nesse sentido, nossa pesquisa envolvendo a materialidade indígena antiga vem somar nas discussões arqueológicas, apontando sítios de extrema relevância para o contexto local.

Porém, é necessário considerar, no ordenamento urbano da cidade de Belo Horizonte a necessidade de preservação do patrimônio arqueológico. Isso implica em pensar na sensibilidade das áreas em que ocorrem sítios, e cuja manifestação presente é discreta, no contexto da gestão territorial municipal. Além disso, devemos considerar que a presença de sítios arqueológicos, ainda que descritos em pesquisas já realizadas, caracteriza maior sensibilidade para a realização de obras, sejam elas de desenvolvimento urbano, sejam empreendimentos privados, como prédios e galpões, potencialmente impactantes e que podem contribuir para a supressão dos bens arqueológicos. Logo, nas áreas de maior sensibilidade, há ocorrência previamente descrita de sítios arqueológicos na cidade. Isto não significa que outras áreas não possam conter bens arqueológicos, a sensibilidade fruto das análises que serão apresentadas adiante restringe-se, neste momento, às microbacias em que são conhecidos sítios indígenas.

SÍTIO CÓRREGO DO CARDOSO E PADRE EUSTÁQUIO - ESCAVANDO MEMÓRIAS,
VISLUMBRANDO FUTUROS**Tassini e o MHAB**

Raul Tassini nasceu em Belo Horizonte (MG) no ano de 1909, filho de imigrantes italianos formou-se em farmácia e atuou no início da década de 1940 como parte da equipe do recém-criado Museu Histórico de Belo Horizonte (MHBH)⁹, auxiliando na construção do acervo do museu até o ano de 1943. Posteriormente, atuou como funcionário do Banco Lavoura entre os anos de 1946 e 1969, quando se aposentou, sendo responsável neste período pelo jornal *O Lavourense*, no qual contribuiu com desenhos e crônicas sobre a cidade de Belo Horizonte (Oliver, 2008).

Tassini participou de diversos movimentos culturais na cidade de Belo Horizonte (MG). Aluno do professor Aníbal Mattos, realizou exposições entre as décadas de 1930 e 1940. Devido ao seu interesse pela história da cidade, bem como pela sua “pré-história”, desenvolveu pesquisas e atividades de campo na região de Lagoa Santa, Jaboticatubas e principalmente na capital mineira, nas imediações do córrego do Cardoso, que passa no bairro Santa Efigênia, onde parte de seus familiares e amigos moravam.

Durante um período de aproximadamente três décadas, Raul Tassini coletou vestígios arqueológicos nas “Jazidas do córrego do Cardoso”, como denominado por ele. Aproximadamente duzentas lâminas de machado polido e seixos foram identificados e levados ao longo dos anos para um museu particular que mantinha aberto para visitação. Raul Tassini também realizou coletas e deixou observações substanciais sobre a Jazida do Padre Eustáquio, outro sítio arqueológico identificado durante o processo de urbanização da cidade durante a década de 1950, não sendo mencionado nos textos de Aníbal Mattos (1940, 1947).

Seu interesse e participação nos ramos da história, da arte, da arqueologia, da antropologia e afins pode ser acompanhada através das instituições às quais se filiou durante sua jornada; entre elas, o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG), a Sociedade Brasileira de Paleontologia (SBP), a Associação Brasileira de Estudos e Pesquisa Arqueológica (ABEPA) e a Associação artística Oswaldo Cruz. Como membro da ABEPA, Raul Tassini auxiliou na organização de um congresso na capital, ocorrido no ano de 1961 na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH/UFMG). Na ocasião, também foi montada uma estrutura expositiva na Avenida Afonso Pena com material arqueológico para exposição (Figura 2).

Após seu falecimento no ano de 1992, Ronaldo Boschi, seu sobrinho, doou aproximadamente 10 mil itens documentais compostos por cartas, correspondências, desenhos, anotações manuscritas, anotações datilografadas e fotografias para o MHAB (Pimentel; Bittencourt; Ferron, 2010). Do material documental, foram realizados a curadoria e o inventário de aproximadamente 1.200 itens¹⁰, disponíveis atualmente para consulta na biblioteca do MHAB.

O inventário está organizado em fichas catalográficas contendo os seguintes campos: identificação do material (fundo, coleção, série, nº de registro e localização física), procedência, conservação, indicação bibliográfica e descrição (tipo, data, síntese

⁹ A Fazenda do Leitão tornou-se, posteriormente, o MHAB.

¹⁰ Alguns itens são compostos por múltiplas unidades, sejam elas documentais ou fotográficas.

do conteúdo). Para esta pesquisa, foi realizada uma leitura sistemática do inventário com foco no campo descrição, buscando identificar palavras-chave, tais como: arqueologia, índios, machados, córrego do Cardoso, Curral Del Rey e Belo Horizonte. O material não inventariado não foi alvo deste trabalho.

Figura 2. Fotomontagem composta por um fragmento de notícia do *Jornal Alterosa*, edição 345 de 1961, referente à exposição de arqueologia realizada em Belo Horizonte (MG); um selo de expositor do 1º simpósio da ABEPA; um cartaz de divulgação do 1º simpósio da ABEPA e uma cartilha da ABEPA.



Fonte: MHAB; acervo Raul Tassini; registros: RTCO2/3.045 e RTDBI2/12.

Ao final do levantamento, foram selecionados 21 itens para consulta presencial na biblioteca do MHAB (Tabela 1). O material consultado foi lido de maneira expedita no espaço da biblioteca e, nos casos que as informações trouxeram dados considerados pela equipe como relevantes para compreensão do contexto arqueológico de Belo Horizonte (MG), foi realizado o registro fotográfico.

No total, foram registrados 155 documentos compostos por ilustrações do material arqueológico do córrego do Cardoso, além de descrição morfológica dos vestígios

arqueológicos, textos datilografados sobre a paisagem do córrego do Cardoso, etapas de campo, interpretações do contexto indígena, estruturas e pessoas que habitavam a região e, por fim, textos com a descrição espacial dos sítios localizados no córrego do Cardoso e no bairro Padre Eustáquio. Posteriormente, esse material foi lido, e os trechos e anotações com informações consideradas importantes para apreender a espacialidade e interpretações arqueológicas realizadas por Tassini foram parcialmente transcritos.

Tabela 1. Registro da documentação pertencente ao acervo Raul Tassini e consultada pela equipe de pesquisa no MHAB.

Série	Subsérie	Nº registro	Localização	Descrição	Tipo
Rtco	RTco2/3	RTCO2/3.045	caixa 4 pasta 5	Informações 1º simpósio de arqueologia	x
Rtco	RTco2/5	RTco2/5.034	caixa 5 pasta 10	Carta de Roldão Pires, presidente da associação brasileira de estudos e pesquisas arqueológicas	x
Rtpe	RTpe2	RTPE@/806 a 822	caixa 21 pasta 78	Dossiê da primeira reunião de arqueologia	x
Rtco	RTco2/3	RTco2/3.028	caixa 4 pasta 4	Doação de machadinhos primitivos	Carta
Rtpe	RTpe2	RTpe2/978	caixa 23 pasta 90	Anotações história de BH	x
Rtco	RTco2/3	RTco2/3.054	caixa 4 pasta 5	Carta da UFMG/MHNJB informando sobre solenidade de assinatura de cessão de área do Instituto Agrônômico para a instalação do Museu de História Natural	x
RTpe	RTpe2	RTpe2/ 340 a 341	caixa 18 pasta 44	Anotações sobre gruta na serra do curral	x
RTpe	RTpe2	RTpe2/ 733 a 746	caixa 20 pasta 76	Anotações sobre curral del rey e venda nova	x
Rtfot	Rtfot1	RTFOT1/1951/001	Reserva técnica fotografia pasta 1	Cartão posta da praça sete	x
Rtfot	RTfot2	RTFOT2/S/D/001	Reserva técnica fotografia pasta 11	21 fotografias do córrego do cardoso	x
RTICO	RTICO2	RTICO2/'011	caixa 11 pasta 2	Casa na rua carijós demolida	x

continua...

Tabela 1. Continuação

Série	Subsérie	Nº registro	Localização	Descrição	Tipo
RTICO	RTICO2	RTICO2/28	caixa 11 pasta 4	Casa demolida na rua guaicurus	x
RTICO	RTICO2	RTICO2/68	caixa 11 pasta 7	Amadorista de "FOOTBALL". Demolição em 28 de fevereiro de 1953.	x
RTICO	RTICO2	RTICO2/123 A	Caixa 12 pasta 9	Casa na rua Rio de Janeiro. Com texto narrando o episódio. Demolição em 28 de janeiro de 1955.	x
RTpe	RTpe2	RTPE2/556 a 568	caixa 20 pasta 59	Texto sobre Sr. Francisco habitante de Bh por volta de 1907	x
RTIco	RTICO2	RTICO2/280	caixa 14 pasta 28	Fazenda do Cardoso	x
Rtdbi	RTcbi2	RTDBI2/12	Biblioteca	Estatuto associação brasileira pesquisa arqueológica	x
RTpe	RTpe2	RTPE2/905 a 906	Caixa 22 pasta 85	Anotações objetos arqueológicos e lista machados polidos	x
RTpe	RTpe2	RTpe2/879 a 904	caixa 21 pasta 84	Anotações sobre achados arqueológicos no rio cardoso BH	x
RTpe	RTpe2	RTpe2/857 a 863	caixa 21 pasta 82	Anotações e desenhos sobre achados arqueológicos no córrego do Cardoso	x

Fonte: Autores.

Para lidar com as interpretações de Tassini, é necessário um movimento de empatia e paciência, tal como os pescadores precisamos puxar a rede dos arquivos e desemaranhar da estrutura colonial aquilo que pode alimentar o nosso texto, nos trazendo informações sobre a história indígena de Belo Horizonte (/MG). Ao mesmo tempo, enquanto fonte histórica temos um exemplar de como a colonialidade moldou o pensamento e as narrativas científicas criando a categoria "outro" que independente do contexto geográfico, cultural ou temporal, tornaram-se passíveis de serem estudados a partir de critérios de entendimento ocidentais (Hartemann; Moraes, 2018).

No entanto, entendendo-o em sua complexidade como pesquisador, como pessoa e como agente histórico, pode-se capturar através da leitura de seus textos um sentimento de amor pela cidade e por sua história. E é através desse sentimento de pertencimento que conseguimos nos conectar e criar emaranhados com a obra de Tassini.

Memórias e registros das Jazidas do Cardoso e do Padre Eustáquio

Antes de nos adentrarmos nos dados registrados por Raul Tassini, é interessante pontuar a categoria “Jazida”, utilizada por ele para descrever os sítios arqueológicos indígenas localizados em Belo Horizonte (MG). Embora essa nomenclatura não seja usada atualmente na literatura arqueológica, o termo tem como lastro a Lei nº 3.924/1961 (Brasil, 1961), que considerava “monumentos arqueológicos ou pré-históricos: as jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos de cultura dos paleoameríndios do Brasil”.

O Córrego do Cardoso nasce na região do Cafezal, no Aglomerado da Serra, onde sofreu menos intervenções antrópicas recentes, sendo ainda possível admirar seu leito pedregoso correndo sob a luz do sol (Vaz *et al.*, 2016). A partir de sua meia vertente, seu curso segue canalizado em grande parte da atual avenida Mem de Sá, atravessando principalmente o bairro Santa Efigênia, até desaguar no ribeirão Arrudas.

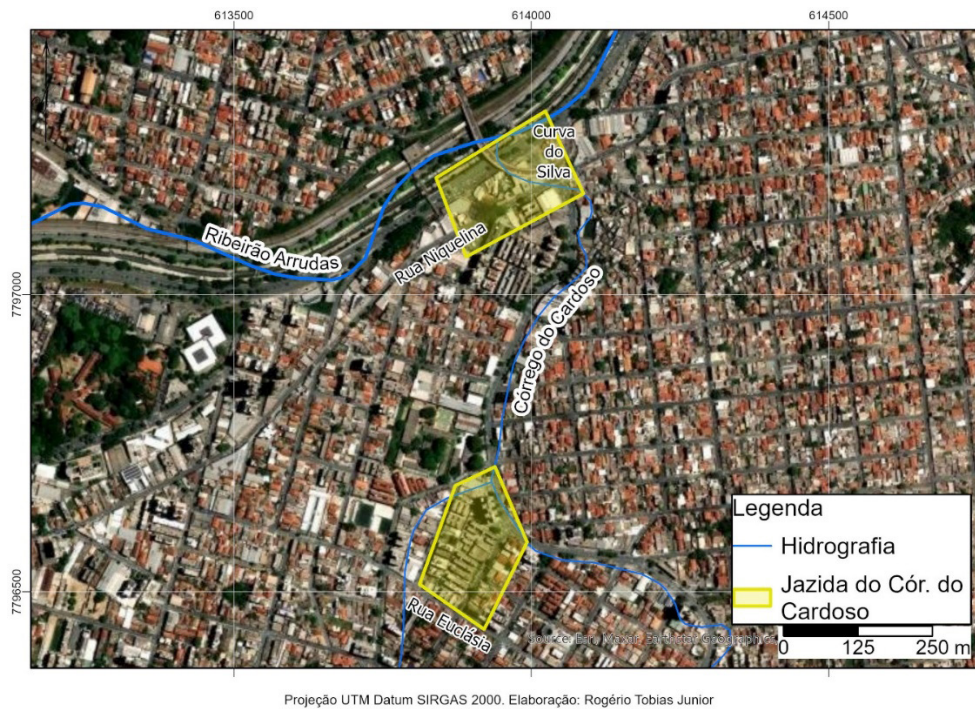
No período das incursões de Tassini no vale formado pelo córrego do Cardoso, entre as décadas de 1930 e 1950, a região era tida como um subúrbio da cidade de Belo Horizonte (MG). A região foi ocupada por chácaras, muitas delas pertencentes a imigrantes italianos; já nas porções mais próximas da nascente, a ocupação se deu a partir da criação de comunidades, tal como a “ilha dos urubus”. Sobre o córrego do Cardoso, principalmente nos trechos que percorre em sua pesquisa, Tassini diz:

Não sinto forças para descrever com justas palavras, toda a exuberância da paisagem das marges do Rio Cardoso. [...] Aos pés dos montes azulados, as chácaras se ajoelham como numa prece perene. De início é justo um detalhe: trata-se no caso de um córrego, mas sendo tradição formada como pude observar desde a minha infância, e sendo um conservador, adoto no caso, como sendo o Rio Cardoso. Alí abundavam as quaresmeiras, pintando no tempo da floração, a paisagem, com suas flores roxas, aquí e acolá. Pássaros cantavam, e voando, transponham o vale imenso [...] Nos brejais do terreno de Angelo Mangiarotti, ou de Henrique Ferretti, inquietam os narcejos e as saracuras. Nos campos piavam os inambús [...] ainda hoje um sabiá lança suas mágoas à natureza, na chácara do João Faustino (MHAB, Coleção Tassini, RTpe2/897).

Tassini percorreu o córrego do Cardoso até a sua nascente, onde descreve a presença de mulheres residentes na viela do morro “cara de porco” que se juntaram em “recôncavos, forrados de lajedos” na época de seca do rio para coletar água. No entanto, a maior parte de suas atividades e descrições concentra-se em duas áreas: a primeira, limitada pelas ruas Euclásia, Lignito e o córrego do Cardoso, na atual avenida Mem de Sá; e a segunda, área denominada por ele como “curva do Silva”, local de suas primeiras descobertas, corresponde à região próxima da rua Niquelina com avenida dos Andradas, onde o córrego deságua no ribeirão Arrudas (Figura 3).

Nas proximidades da rua Euclásia, Raul Tassini descreve a presença das Olarias Ferreti & Macafferri, dos Baroni e do Mangiarotti, responsáveis pela produção de telhas e tijolos. O terreno onde realizou suas pesquisas pertencia ao Dr. Saint-Claire Valadares, que permitia o livre trânsito de Tassini em sua propriedade (RTpe898).

Figura 3. Imagem atual da região onde Raul Tassini descreve a presença e coleta de material arqueológico, denominada por ele como “Jazida do Cardoso”.



Fonte: Autores.

Referente a suas incursões arqueológicas, Tassini descreve situações corriqueiras, das quais ainda hoje parte de nossos/as/es colegas/ues pode se identificar. Por exemplo, em setembro de 1959, acompanhado de um cachorro, Raul é inquirido por um morador sobre sua presença na região, ao responder que procurava por pedras de raio dos antigos indígenas que ali viveram, ouve como resposta “muita gente não acredita nisso, outros falam que é corisco”.

Outro residente do córrego do Cardoso, fazendo a mesma pergunta e obtendo a mesma resposta, diz para Tassini que havia uma pedra de raio em sua residência, coletada durante uma obra de alvenaria em seu terreno, e entrega o artefato para Raul. Nos seus registros também são descritos xingamentos. Em setembro de 1957, alguém à distância grita “vá panhá pedra homem doido”, demonstrando como suas andanças na região poderiam ser interpretadas por parte dos moradores.

O material arqueológico do Cardoso foi descrito e ilustrado em cadernos de anotações¹¹ por Raul Tassini. Nos seus registros, ele nos apresenta as medidas e descrições sucintas de 237 artefatos arqueológicos das regiões de Jaboticatubas, Belo Horizonte (MG), Vespasiano (MG) e Lagoa Santa (MG), classificados como machados, picaretas, tacapes, pilões, quebra cocos e seixos. Desses, 77 foram marcados como provenientes do córrego do Cardoso (RTpe2/862) (Figura 4).

Sobre os antigos habitantes do córrego do Cardoso, Raul Tassini realizou suas próprias interpretações, comparando o material arqueológico com os achados de Lagoa Santa (MG) e da Europa. Repetindo alguns preconceitos que circulavam naquele

¹¹ É possível que outras peças estejam ilustradas e descritas nos documentos da coleção que ainda não foram inventariados.

período no senso comum científico, podemos observar nas narrativas de Raul Tassini um movimento bairrista às avessas, que busca valorizar a antiguidade da ocupação indígena na região associando os vestígios arqueológicos a um “primitivismo” da população local, categorizando as peças a partir de uma matriz evolucionista colonial pautada nas categorias paleolítica, mesolítica e neolítica.

Um dos marcadores de antiguidade usados por Tassini é a ausência de material cerâmico no córrego do Cardoso, diferentemente dos vestígios arqueológicos identificados, por exemplo, no Horto Florestal. As pedras lascadas “rudemente” seriam indícios da ocupação daquele território na era paleolítica e o material polido, considerado mais avançado, demonstraria sua evolução e presença no período mesolítico.

Na era mais recente, no período neolítico, o “*Homo cardosense*” teria migrado para as regiões do sumidouro distantes apenas 40 km em linha reta da serra do Curral. Tassini inclusive afirma que os achados arqueológicos do Córrego do Cardoso viriam a suprir dados sobre ocupações do Período Paleolítico que Peter Lund não conseguiu identificar em Lagoa Santa (MG). Desse modo, sua pesquisa, no seu ponto de vista, confirmaria uma origem autônoma e antiga das populações humanas no Brasil, colocando a região central do país como uma das áreas de surgimento da humanidade há aproximadamente 100 mil anos, sendo, portanto, contemporâneo do *Homo neanderthalensis*, localizado em Düsseldorf (RTpe2/899).

Figura 4. Fotomontagem composta por registro escrito de Raul Tassini referente ao material arqueológico (ao fundo); ilustrações do material arqueológico; croqui de áreas de coleta de material arqueológico no Padre Eustáquio e registro da equipe consultando o material do acervo Raul Tassini nas dependências do MHAB.



Fonte: MHAB, acervo Raul Tassini, registros: RTpe2/879 a 906 e RTpe2/857 a 863.

A jazida do Padre Eustáquio foi identificada em 15 de março de 1953 de forma fortuita durante uma passagem de Raul Tassini e do Dr. Milton Medeiros Cruz pela região. De acordo com Tassini, o material arqueológico foi registrado durante obras de terraplanagens realizadas no bairro para a construção das casas do instituto dos industriários (RTpe2/684).

No local, foram encontrados quatro pontos de dispersão do material arqueológico associados à presença de carvão e “argila preta”. O material arqueológico foi descrito como “fragmentos de igaçabas” e “peças arqueológicas da era polida”, doadas para o Museu de História de Belo Horizonte (RTpe2/684).

Nesta região, três quartos do material foram encontrados no quarteirão delimitado pelas atuais ruas Jacarina, Padre Eustáquio, Curral Del Rey e Riachuelo, sendo registrada nesta última rua a presença de uma mina de argila. O segundo ponto de coleta foi entendido como uma extensão do primeiro e seria delimitado pelas ruas Perdões e Jandaia (Figura 5) (RTpe2/684).

Figura 5. Imagem atual da região onde Raul Tassini descreve a presença e coleta de material arqueológico, denominada por ele como “Jazida do Padre Eustáquio”.



Projeção UTM Datum SIRGAS 2000. Elaboração: Rogério Tobias Junior

Fonte: Autores.

Juntando cultura material e memória

Diante de tantos registros documentais acessados no MHAB sobre o material arqueológico referente às pesquisas de Tassini, nos perguntamos para onde toda essa materialidade poderia ter ido. Uma das possibilidades seria a doação para o Museu Nacional, seguindo os passos de Aníbal Mattos, ou a doação para o MHNJB/UFMG. Após entrarmos

em contato com familiares¹², descobrimos que o material havia sido doado na década de 1990 para o MHNJB/UFMG, para onde seguimos com nossa pesquisa.

Esse passo da pesquisa, relacionar os documentos ao material arqueológico, teve inicialmente como referência a experiência de Juliana Salles Machado (2021) e seu trabalho colaborativo com o povo indígena Laklãnõ Xokleng sobre temas como território e patrimônio. A professora Juliana identificou na coleção do museu da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), instituição à qual era vinculada, material arqueológico coletado na área da terra indígena Laklãnõ Xokleng entre as décadas de 1960 e 1970, sem as devidas referências que pudessem ligar a cultura material à espacialidade das quais eram provenientes. Aproximando-se dos cadernos de campo daquele período, Juliana Machado se depara com um contexto de centenas de sítios identificados sem a devida referência espacial.

Me deparei com caixas e gavetas repletas de coisas: pedras, cerâmicas e ossos. Cada uma em uma caixa. Também deparei com papéis, fotos, mapas, estes em outras gavetas. [...] Mas as caixas e gavetas estavam em salas diversas, arquivos fisicamente tão distantes entre si que era difícil saber quais eram suas relações. Com o tempo e as mudanças nas legislações, nas práticas dos museus, nas formas de conservação, os papéis e as coisas foram separados e seus vínculos cada vez tornaram-se menos evidentes até quase se perderem por completo. De onde vinham estes ossos? De onde vinham estas pontas de flecha? Pouco sabíamos, já que os documentos associados a eles no momento de sua coleta se perderam no tempo, na proliferação de códigos e números sem memória, sem afeto (Machado, 2021, p. 5).

Machado (2021) reflete sobre a importância existente na relação entre as coisas, os lugares e as pessoas, considerando que é no emaranhado de significados e agências que as narrativas mais potentes são construídas. Buscando subverter o cenário de esquecimento e restabelecer a conexão entre a comunidade, o material arqueológico e sua espacialidade, o trabalho de Juliana Machado consiste em idas a campo para identificar e restabelecer a conexão entre materialidade, pessoas e territórios.

Essa reconexão entre as coisas e as pessoas é abordada por Ailton Krenak (1994), ao questionar a necessidade de uma sociedade que precisa depositar sua memória em arquivos e museus. A desconexão entre as pessoas brancas e o seu entorno faz com que elas criem histórias despersonalizadas ao invés de memórias que relacionam a humanidade com vivências e saberes.

Nesse sentido, a Arqueologia pode ter um papel de significância nesse processo de construção de memórias plurais, servindo como uma mediadora/construtora de referenciais do passado que se manifestam no presente a partir da relação entre as pessoas e suas identidades. Como propõe Márcia Bezerra (2003), os objetos arqueológicos fazem parte da biografia de uma comunidade e da construção de sua alteridade; portanto, é no presente que são estabelecidas as relações entre comunidade e o seu patrimônio.

¹² Roberta é sobrinha-neta de Raul Tassini. Seu pai, falecido, Ronaldo Boschi, foi o responsável por doar o material documental para o MHAB. Após nosso contato, Roberta conversou com uma tia, sobrinha de Raul, que informou sobre a doação ao Museu da UFMG, inclusive pontuando a quantidade de “mais de 200 peças”.

Iniciamos nossa busca no MHNJB/UFMG com o apoio da equipe do Setor de Museologia e Conservação. É importante destacar que o museu sofreu um incêndio em uma de suas reservas técnicas no ano de 2020, gerando perdas de informações e reorganização de parte do acervo arqueológico. O incêndio afetou principalmente os materiais orgânicos, como vestígios botânicos e faunísticos, e as dezenas de sepultamentos de pessoas indígenas, exumados ao longo de décadas de pesquisas arqueológicas, sob a guarda do MHNJB/UFMG. Após o fogo, foi realizado o resgate do acervo atingido, que foi acondicionado em nova reserva técnica (Silva *et al.*, 2020).

O projeto “Renasce Museu”, através de uma campanha de financiamento coletivo, angariou apoios e verbas para a implantação de um sistema informatizado de gestão de acervo no MHNJB/UFMG. Atualmente, o sistema se encontra em funcionamento e parte das coleções paleontológicas e etnográficas estão documentadas e disponíveis para acesso público no site do museu. No entanto, o tratamento do acervo arqueológico resgatado após o incêndio ainda está em processo de implementação.

Nos bancos de dados do setor de museologia, fizemos filtros de pesquisa com as palavras-chave “Tassini”, “Boschi” e “Córrego do Cardoso”, não sendo identificados nos registros essas palavras chaves. O acervo do museu tem sido constituído mediante doações diversas, que incluem materialidades coletadas desde o início do século XX, e pesquisas dos/as/es pesquisadores/as/us vinculados/as/es. Entre os anos de 2015 e 2024, foi realizado um processo de readequação do acondicionamento de parte do acervo arqueológico do MHNJB/UFMG, inclusive de todo aquele que foi posteriormente atingido pelo incêndio, sendo acondicionado em caixas de acordo com a legislação.

Nesse processo, gerou-se um mapeamento e reorganização das reservas técnicas, sendo parte do acervo denominado como “coleções antigas”. Este acervo é composto principalmente por peças doadas por H. V. Walter e Aníbal Mattos durante a década de 1950. Pela falta de referências, essas coleções se encontram parcialmente descritas nas planilhas de dados.

Por indicação da equipe do museu, focamos nossos esforços em localizar o material do córrego do Cardoso a partir de um “pente fino” no material das antigas coleções. Pouco se sabe sobre essa coleção, boa parte de suas peças não apresentam dados de registro, algumas materialidades apresentam indicações genéricas dos municípios onde foram coletadas, sendo que alguns poucos artefatos líticos tiveram sua origem identificada por Gustavo Neves de Souza (2013).

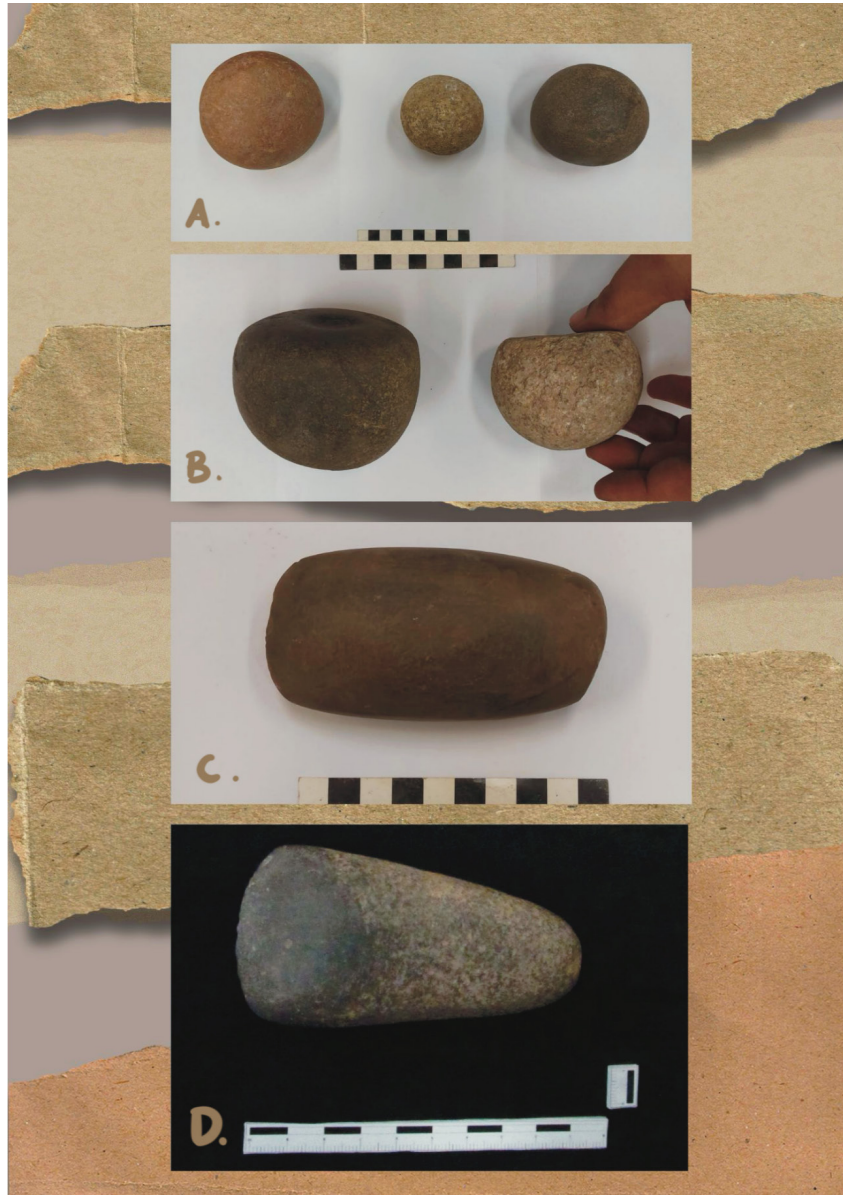
Na reserva técnica, iniciamos um processo de verificação do material arqueológico presente nas caixas identificadas como coleções antigas e/ou sem referência, buscando etiquetas, referências de curadoria ou demais dados que pudessem nos auxiliar na identificação do material arqueológico proveniente do córrego do Cardoso. Verificamos aproximadamente 25 caixas, sendo compostas majoritariamente por material lítico polido.

Nosso esforço teve resultados diversos que fogem ao objetivo desta publicação, mas, devido à sua importância, é relevante indicar a presença de material arqueológico cerâmico, sem indicação de origem e doado por Raul Tassini, além de um conjunto de materiais líticos polidos provenientes dos municípios de Pitangui (MG) e Vespasiano (MG), referenciados como “Coleção Tassini”.

Quanto ao material proveniente do córrego do Cardoso, conseguimos identificar duas lâminas de machado, dois quebra-cocos e um seixo rolado (Figura 6). As peças se encontravam em uma caixa com líticos polidos de diversas regiões de Minas Gerais, identificadas e embaladas individualmente. Nesse sentido, contemplamos parte de nosso objetivo no resgate de significados e memórias que envolvem a reconexão entre

a espacialidade do sítio arqueológico “Jazida do Cardoso” e a materialidade proveniente de coletas anteriores.

Figura 6. Material arqueológico identificado no MHNJB/UFMG pertencente à Coleção Raul Tassini; A) Material polido semiesférico com depressão central na área plana, tamanhos diversos. Registro da parte esférica das peças. B) Registro do perfil de peças polidas semiesféricas com depressão no centro da área plana. C) Machado polido coletado no córrego do Cardoso. D) Machado polido com picoteamento nas áreas mesial e distal coletado no córrego do Cardoso.



Fonte: Autores.

CONSIDERAÇÕES PARA O FUTURO

A arqueologia, enquanto campo do saber que busca compreender a relação entre distintas existências, humanas e mais que humanas, a partir de sua materialidade, marcas e paisagens, desponta como uma possibilidade narrativa para superarmos o discurso modernista da criação de Belo Horizonte/MG. Jota Mombaça (2015) pontua por uma escrita perfográfica da cidade, capaz de ativar sua dimensão subjetiva. Com isso, através

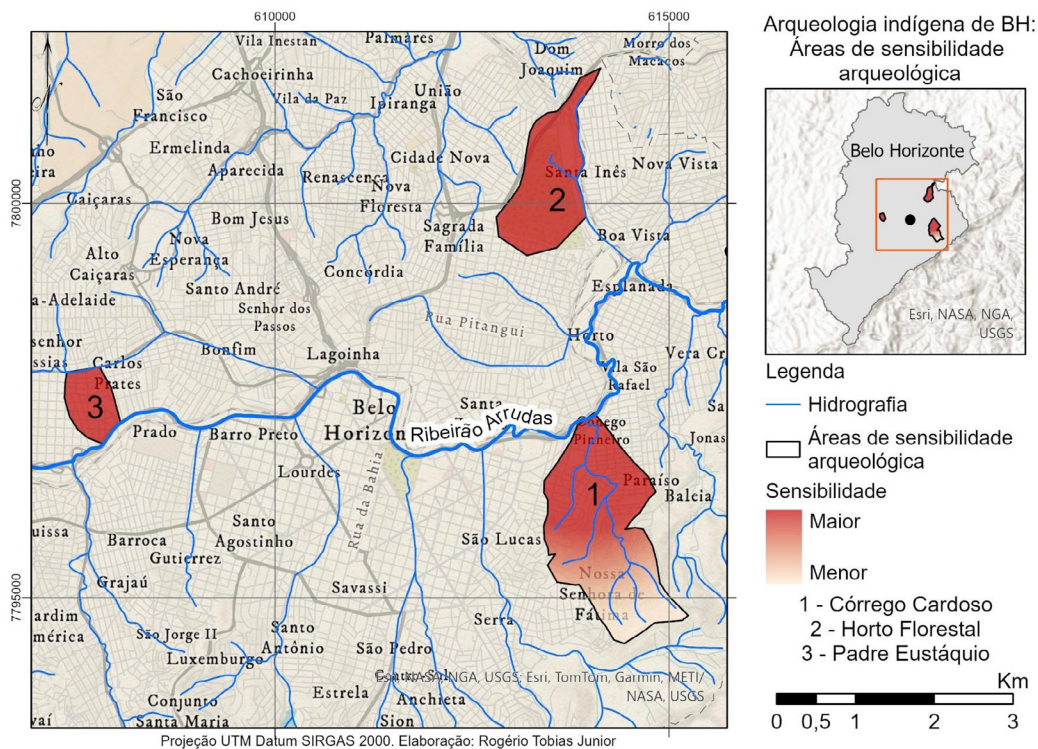
dos desejos daqueles que vivem a cidade, outros contornos e intensidades fazem parte da Reterritorialização dos espaços e dos fluxos existentes.

Desse modo, buscando perfografar uma cidade potencial, terminaremos este artigo com a apresentação de um mapa de sensibilidade arqueológica, figurando especificamente as áreas de vivências indígenas de longa duração identificadas até o momento¹³. Não se trata de modelar ou prever onde os sítios arqueológicos indígenas ocorrem, já que os dados disponíveis são estatisticamente insignificantes para tamanha empreitada. O mapa, além de sistematizar visualmente nossa pesquisa, ainda em estágio inicial, embora frutífera, poderá servir como referencial para se pensar a cidade (Tobias Jr.; Campos, 2025) (Figura 7).

A sensibilidade neste contexto foi estruturada como um foco de calor irradiado a partir dos locais das “jazidas” indicadas nas pesquisas da primeira metade do século XX, sítios arqueológicos *per se*, delimitadas pelas microbacias de drenagem em nível local. Quanto mais próximo das áreas indicadas, maior a sensibilidade, ou seja, maior é o grau ao qual uma determinada característica de valor arqueológico é vulnerável a dano.

Assim, maior é o potencial de impacto de obras civis, de desenvolvimento, de amplo impacto e outras alterações paisagísticas e urbanísticas num ambiente com valor arqueológico (Kidd; Last, 2024). Este instrumento favorece ao poder público a proposição de diretrizes de uso e ocupação coerentes com as sensibilidades de cada área definida e age de forma propositiva e ativa, envolvendo as políticas públicas, o caminhar, as memórias ou os afetos que sua existência engendra e provoca.

Figura 7. Mapa de sensibilidade.



Fonte: autores, 2025.

¹³ O artigo gerou um repositório de arquivos de acesso livre composto pelos mapas aqui apresentados e os shapex criados durante a pesquisa. link para a consulta: <https://doi.org/10.5281/zenodo.15256555>.

Nos encaminhando para o final, temos que a identificação do material arqueológico doado por Tassini e coletado no córrego do Cardoso é um primeiro passo no resgate de significados e memórias que envolvem a reconexão entre a espacialidade do sítio arqueológico e a materialidade proveniente de coletas anteriores. A identificação das ruas que conformam os antigos espaços dos sítios arqueológicos do córrego do Cardoso e da Jazida do Padre Eustáquio nos ajudam inicialmente a demarcar que Belo Horizonte/MG foi - e ainda é - terra indígena, densamente ocupada em distintos pontos da cidade.

Nesse sentido, nossa preocupação neste momento não foi realizar uma análise tecno-morfológica do material arqueológico, mas trançar o cruzamento de distintos dados e instituições para reconstituir as áreas de sítios arqueológicos indígenas, demonstrando sua implementação na cidade, fatores paisagísticos, relatos de campo e cultura material. A partir deste levantamento, estamos atuando em um aspecto da salvaguarda desses sítios arqueológicos, o que perpassa pela divulgação de seus dados, atualização de seu registro e identificação de áreas sensíveis para a arqueologia dentro da malha urbana.

Esse movimento poderá auxiliar na elaboração de políticas públicas e atividades interventivas que venham a ocorrer na cidade de Belo Horizonte/MG, apoiando a proteção dos sítios. Além disso, a identificação, sistematização e publicização dessas informações também possuem um potencial narrativo para ser utilizado nos diversos movimentos de retomada indígena que ocupam as redondezas, tal como os Borum-Kren em Ouro Preto/MG, de modo que os sítios arqueológicos possam registrar parte da história e da trajetória desses povos.

O resgate dos sítios arqueológicos indígenas em Belo Horizonte segue um movimento em direção à cidade potencial. Esse conceito, proposto por Priscila Musa (2022), caracteriza a cidade como uma construção de viver coletivo que busca resistir às narrativas hegemônicas, produzindo frestas e rupturas que permitam a existência de outras vivências humanas e não humanas.

Os sítios arqueológicos do Cardoso, do Horto Florestal, Carlos Prates e Padre Eustáquio corroboram e colaboram na construção dessa cidade potencial ao indicarem espaços e histórias sobre os povos indígenas que foram sistematicamente ignoradas ao longo do tempo. A tratativa desses espaços e dessa materialidade surge como um potencial agentivo capaz de atualizar nossa relação com a memória e os locais que hoje chamamos de Belo Horizonte/MG.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos às equipes do Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais (MHNJB/UFMG) e aos parentes de Raul Tassini.

ACERVO

Coleção Raul Tassini, séries: RTCO, RTPE e RTICO. Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), 1930-1992.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTEROSA. Revista Alterosa, Belo Horizonte: Sociedade Editora Alterosa Ltda., ano 23, n. 345, 100 pág. set. 1961.

AMARAL, Vanúzia G. Dinheiro na mão é vendaval e moeda no lixo é bom sinal: elementos do cotidiano e representações de intenções políticas do Estado brasileiro na cunhagem de moedas metálicas entre 1969 e 1978. *Revista de Arqueologia*, v. 37, n. 2, p. 163-213, 2024.

- BEZERRA, Márcia. O público e o patrimônio arqueológico: reflexões para a arqueologia pública no Brasil. *Habitus*, v. 1, n. 1, p. 275-296, 2003.
- BORSAGLI, Alessandro. *Do convívio a ruptura: a cartografia na análise histórico-fluvial de Belo Horizonte (1894/1977)*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- BRASIL. Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 27 jul. 1961.
- CARVALHO, Flora Villas. “Você acha que isso é uma rede privada?” - Leituras etnoarqueológicas e feministas de grafitos de banheiros universitários e seus múltiplos atores sociomateriais. Monografia de Conclusão do Curso (Bacharelado em Antropologia, Habilitação em Arqueologia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.
- COSTA, Eloah C. C. *Sítios arqueológicos no Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Minas Gerais; Belo Horizonte, 2019.
- FERREIRA, Larissa C. Macedo. *Arqueologia do forró: entre instrumentos, vestes e lugares – estudo de caso – sítio Catedral Centro Cultural e Escola de Dança*. Monografia (Bacharelado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022
- FOUCAULT, Michel. 1980. *Herculine Barbin: Being the recently discovered memoirs of a nineteenth-century French hermaphrodite*. New York: Pantheon Books.
- HARTEMANN, Gabby; MORAES, Irislane P. Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 12, n. 2, p. 9-34, 2018.
- ISNARDIS, Andrei. Pinturas Rupestres Urbanas: uma etnoarqueologia das pichações em Belo Horizonte. *Revista de Arqueologia*, v. 10, p. 143-161, 2000
- KIDD, Sandy; LAST, Jonathan *Archaeological sensitivity pilot research: report Series 34/2024*. Portsmouth (GB): Inglaterra. Historic England, 2024. Disponível em: <https://historicengland.org.uk/research/results/reports/9011/ArchaeologicalSensitivityPilotProjects>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- KRENAK, Ailton. Antes o mundo não existia. In: ABENSOUR, Miguel *et al. Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 201-204.
- LEMOS, Caroline M.; COSTA, Denise N. B.; ZARANKIN, Andrés. ‘As flores do mal’: arqueologia das estruturas da violência política da ditadura, o caso do DOPS/MG. *Habitus*, v. 19, n. 2, p. 163-188, 2022. DOI: 10.18224/hab.v19i2.9252. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/9252>. Acesso em: 25 mar. 2025.
- MACHADO, Juliana S. Histórias roubadas: (des)encontros entre arqueólogos, sítios, coleções arqueológicas e os Laklânō-Xokleng no Alto Vale do Itajaí, SC. *Hawò*, v. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/hawo/article/view/68725>. Acesso em: 4 abr. 2025.
- MARTINS, Leda. *Afrografias da memória: o reinado do Rosário do Jatobá*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; São Paulo: Editora Perspectiva, 2021.
- MATTOS, Anibal. *Arqueologia na região em que foi edificada a capital de Minas Gerais*. Porto Alegre: [s. n.], 1940.
- MATTOS, Aníbal. *Arqueologia de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Biblioteca Mineira de Cultura, 1947.

- MAYER, Joviano G. M. *De pé na encruzilhada: por uma cartografia contracolonalista*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- MINAS GERAIS. *Decreto Estadual nº 36, de 12 de abril de 1890*. Muda a denominação da Freguesia do Curral Del-Rei, município de Sabará, para Belo Horizonte. Ouro Preto: Governo do Estado de Minas Gerais. 1890.
- MOMBAÇA, Jota. Como cartografar o desterro? *Revista Arte ConTexto*, v. 2, n. 6, 2015.
- MOREIRA, Juliana B. Arquitetura que enlouquece. *Revista de Arqueologia*, v. 29, n. 1, p. 15-218, 2016.
- MUSEU DOS QUILOMBOS E FAVELAS URBANOS (Muquifu). *Relatório final da primeira etapa do “Projeto Arqueológico do Largo do Rosário Belo Horizonte/MG”: identificação e mapeamento geofísico (não interventivo) do cemitério e da capela do Rosário dos Homens Pretos do Curral Del-Rei*. Belo Horizonte: Muquifu, 2024.
- MUSA, P. M. *Quem vê cara não vê ancestralidade: arquivos fotográficos e memórias insurgentes de Belo Horizonte*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.
- NASCIMENTO, L. *Quase filhos do céu*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2025.
- OLIVER, G. S. Memórias sobre a arborização de Belo Horizonte. *Diálogos*, v. 12, n. 2-3, p. 89-112, 2008.
- PEREIRA, Josemeire A. *Para além do horizonte planejado: racismo e produção do espaço urbano em Belo Horizonte (séculos XIX e XX)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- PERUAÇU ARQUEOLOGIA. *Relatório de pesquisa arqueológica no empreendimento condomínio do edifício Bahia, Belo Horizonte/MG*. Belo Horizonte: Peruaçu Arqueologia, 2023.
- PIMENTEL, Thaís. V. Cougo; BITTENCOURT, José N.; FERRON, Luciana M. A. Belo Horizonte: o museu histórico da cidade e sua atual política de acervo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, v. 50, p. 165-178, 2010
- PROUS, André. As muitas arqueologias das Minas Gerais. *Revista Espinhaço*, v. 2, n. 2, p. 36-54, 2013.
- PROUS, André; PANACHUK, Lílian; JÁCOME, Camila. Brincando de panelinhas: os potes tupiguarani em miniatura e as vasilhas para treinamento. In: LIMA, Tania A. (org.). *A (in)visibilidade de crianças no registro arqueológico*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2019. p. 41-66.
- ROEDEL, Luísa A. O silêncio do corpo: intersexualidade invisibilizada no cemitério do Bonfim. *Revista de Arqueologia*, v. 30, n. 2, p. 71-85, 2017.
- SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Gaia, 2003.
- SILVA, André L. *et al.* Depois do fogo: ações e reações do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG ao incêndio na Reserva Técnica 1. *Arquivos do Museu de História Natural e Jardim Botânico*, v. 29, p. 160-174, 2020.
- SILVA, Lisandra M. *Propriedades, negritude e moradia na produção da segregação racial da cidade: cenário Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

- SILVA, Mauro L. *O patrimônio sacro da arquidiocese de Belo Horizonte e o afro-patrimônio de Belo Horizonte: da capela Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Curral Del Rey (1819) à igreja das Santas Pretas da Vila Estrela (2018)*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.
- SOUZA, Gustavo N. *Estudo das lâminas de pedra polidas do Brasil: diversidades regionais e culturais*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- TEIXEIRA, Aline. *Meu amor, meu legado: uma arqueologia das torcidas*. Monografia (Bacharelado em Arqueologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.
- TOBIAS JUNIOR, Rogério; CAMPOS, Paulo A. *Sensibilidade arqueológica de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil*. Zenodo, 2025.
- VAZ, Ana C. Ribeiro *et al.* Água em movimento - Córrego do Cardoso. In: FEIRA BRASILEIRA DE COLÉGIOS DE APLICAÇÃO E ESCOLAS TÉCNICAS, 4., 2016, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: UFMG, 2016. p. 121-131.
- VESTÍGIOS arqueológicos dão pistas sobre a pré-história de Belo Horizonte. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 dez. 2017. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2017/12/10/interna_gerais,923465/vestigios-arqueologicos-dao-pistas-sobre-a-pre-historia-de-belo-horizo.shtml. Acesso em: 15 mar. 2025.